

O esporte pelo olhar dos trabalhadores voluntários do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo

Sport as seen through the eyes of voluntary workers at the Novo Hamburgo Open School Program

Leandro Forell

Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Professor de Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo - RS.

Resumo: O artigo procura problematizar as representações sobre o esporte dos trabalhadores voluntários do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo. Faz relatos a respeito dos aspectos metodológicos e posteriormente reflete sobre dois temas centrais o da importância do esporte para o programa e para a sociedade. Levanta consenso a respeito da hegemonia do esporte no programa, mas aponta para diferentes representações sobre os aspectos benéficos do esporte.

Palavras-chave: Representações sociais; Esporte; Programa Escola Aberta.

Abstract: This study aims to discuss ideas about sport held by voluntary workers at the Novo Hamburgo Open School Program. It reports on the methodological aspects and presents ideas on two central subjects: the importance of sport for the program and for society. It shows that there is consensus regarding the supremacy of sports in the program, but identifies different views of the beneficial aspects of sport.

Keywords: Social Representations; Sports; Open School Program.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo procura problematizar as representações de esporte dos trabalhadores voluntários do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo¹. Pautado pelo objetivo do programa², analiso as representações sobre as dimensões pedagógicas do esporte, a redução da violência e a inclusão social. Sem ter a pretensão de traçar um perfil ou uma norma sobre o que pensam estes agentes sociais, o trabalho preocupa-se em valorizar as pessoas que são as protagonistas do fenômeno esportivo, entendendo o mesmo enquanto fenômeno social.

Outra característica deste trabalho é a de privilegiar os dados de campo como ponto de partida das análises, utilizando-se das teorias como uma forma para a compreensão da realidade pesquisada. Essa postura epistemológica se opõe a lógica de comprovação ou negação de hipóteses ou de teorias.

O objetivo deste artigo é de tentar demonstrar a forma com a qual os agentes voluntários envolvidos no referido programa representam e significam o esporte em sua relação com a inclusão social, redução da violência e elementos educativos.

Em um primeiro momento, farei alguns esclarecimentos sobre o processo metodológico desenvolvido na pesquisa. No segundo momento, tentarei demonstrar as repercussões que o esporte possui dentro do programa. No terceiro momento, procurarei apontar as relações que os participantes apontam como desdobramento do esporte, seja na esfera educacional de lazer ou de relações com outros benefícios atribuídos a esta

prática corporal. E no quarto momento farei algumas considerações finais que, em função da constante reflexão, considero provisórias.

2 METODOLOGIA

É importante frisar que esta análise é um aprofundamento de um estudo maior que objetivava compreender os significados do trabalho voluntário neste espaço (FORELL, 2009), porém como a riqueza de dados obtidos em campo eram suficientes para suscitar outras discussões é que formulei este artigo. Foram utilizados três instrumentos de produção de dados a análise dos documentos os diários de campo e as entrevistas semi estruturadas, delineando assim uma perspectiva qualitativa de investigação. Porém, como neste artigo procuro trabalhar com a noção de representação, me apoio fundamentalmente nas entrevistas.

As semi-entrevistas, apoiadas nas considerações de Triviños (1987), Bogdan, Biklen e Biklen (1994), foram realizadas entre o mês de fevereiro e o mês de abril de 2009. Foram feitas 13 entrevistas, todas elas gravadas, transcritas e posteriormente devolvidas para os informantes para que eles pudessem fazer alterações ou retirada de termos. Os informantes que participaram do estudo assinaram o termo de consentimento e esclarecimento, onde foi garantida a preservação das identidades a fim de poder possibilitar aos informantes uma maior liberdade para fazer comentários sem prejuízo à sua imagem. Estas entrevistas foram distribuídas da forma que consta no Quadro 1 (na próxima página):

1 Novo Hamburgo é uma cidade localizada na região metropolitana de Porto Alegre e que possui colonização alemã. Na década de 1980 teve um grande desenvolvimento econômico proporcionando um aumento espantoso da população o que acarretou várias demandas sociais entre elas a do Lazer. Ver mais informações em Forell e Myskiw (2009).

2 O Objetivo geral do Programa Escola Aberta é "Contribuir para a melhoria da qualidade da educação, a inclusão social e a construção de uma cultura de paz". (BRASIL, 2007, p.14).

Quadro 1 - Descrição dos sujeitos entrevistados

Local de atuação	Função	Nome fictício
Coordenação	Coordenador 1	Marcelo
	Coordenador 2	Eduarda
Escola 1	Coordenador Escolar 1	Jacinta
	Oficineiro 1	Márcio
	Professor Comunitário 1	Simone
Escola 2	Coordenador Escolar 2	Cezar
	Oficineiro 2	Carolina
Escola 3	Coordenador Escolar 3	Vinicius
	Oficineiro 3	Juliano
Escola 4	Professor Comunitário 2	Tereza
	Oficineiro 4	Caio
	Oficineiro 5	Mateus
	Diretora de Escola 1	Ana

pro lado do esporte, têm poucos ainda que vão no artesanato. Mas é são dois ou três só. Eles vêm por causa do esporte (Márcio).

Ainda, concordando com o protagonismo do esporte dentro do programa, porém acrescentando o elemento da falta de espaços de lazer, o próximo depoimento ajuda a compreender a procura da população por estas práticas:

porque eu acho que é o carro-chefe do Escola Aberta. Não consigo imaginar o Escola Aberta sem o esporte, porque é assim oh, como aqui na minha comunidade, por exemplo, a quadra da escola é o que todo mundo quer, desde o pequenininho do jardim até o vovô da alfabetização. O que eles querem? eles querem uma atividade que seja naquele espaço né, então se fosse pensar assim, qual o espaço que todos gostariam de estar na escola? É a quadra. É um espaço que não existe na redondeza, um espaço aberto assim que não seja dentro de uma escola, dentro de uma instituição pra que a comunidade possa usar. Então eu nunca estranhei de que a nossa escola tinha problema de que as crianças pulavam muro para vim pra quadra. Apesar de algumas acharem "ah horrível", "ah eles tão pulando muro, tão invadindo, tão isso", mas não tem outro lugar né, então eles vêm ali porque é ali que tá o espaço bom, agradável, adequado (Ana).

3 REPERCUSSÕES DO ESPORTE PARA DENTRO DO PROGRAMA

Embora existam várias polêmicas sobre diferentes aspectos do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, quando se fala na importância do esporte dentro do programa é possível apontar um consenso entre os informantes e nas observações registradas:

As pessoas podem até ir lá pro Escola Aberta e participar de alguma oficina, mas sempre vão passar pelo esporte (Eduarda).

no meu entendimento é fundamental, é o carro chefe. O esporte é o carro chefe em Novo Hamburgo e no Brasil, tem relatórios já feitos pela UNESCO devido ao tempo que já tem o programa, o esporte é o carro chefe (Marcelo).

O esporte é o que mais traz as crianças aqui pra dentro né. Elas têm pouco interesse nas atividades que nós temos. Nos temos os esportes e o artesanato né, no nosso caso. Então como a maioria dos nossos participantes aqui são meninos, normalmente eles voltam

Porém, um dos informantes aponta uma outra lógica, onde sugere que o esporte existe independente de aparelhos esportivos e que está tão presente nos costumes das comunidades, que a abertura da escola se consolida apenas em uma certa formalização de uma prática já existente.

não foi no Escola Aberta que o esporte se tornou um fenômeno, na real o esporte já tinha antes de existir o Escola Aberta né. Então, antes de existir, se não tivesse o Escola Aberta aqui no bairro as crianças estariam jogando no campo de futebol ali do lado, estariam jogando no meio da rua, então elas tariam praticando outra atividade, não dentro de uma organização de Escola Aberta, mas sim naquela organização entre eles assim. Se tu for ver um

jogo de criança dentro do Escola Aberta e se tu for ver ali na rua, na rua eles tem as regras deles do esporte que eles fazem na rua. Então eu acho que não poderíamos dizer que é um fenômeno, porque simplesmente foi só regularizado um lugar pra concentrar dentro de um local pra eles realizarem essas atividades que eles já faziam na rua. Jogar futebol já jogavam na rua, joga vôlei já jogavam na rua. Então só se concentrou em um local e colocou um profissional pra trabalhar com eles, o resto eles já tinham (Juliano).

Esta relativização sobre a origem do esporte nas comunidades populares se constitui dentro da discussão do acesso ao esporte, pois assim, como aponta Stigger (2002), este esporte do cotidiano não é mesmo esporte dos grandes eventos ou pautado pelas lógicas de mercado. As pessoas vão constituindo sua forma de prática esportiva no dia a dia, através das relações internas do grupo e com a representação de esporte constituída, enquanto consumidores do esporte espetáculo. Esta discussão pode ser complementada por Melo quando afirma que:

Mesmo nos dias de hoje, a intensa ação da indústria cultural não é forte o suficiente para destruir definitivamente as diferentes formas de diversão popular, tanto através da eliminação/restricção direta quanto através da distorção de seus sentidos originais (Melo, 2001, p.16).

Neste sentido, mesmo com a multiplicidade de interpretações e de significados apontadas pelas informações produzidas podemos apontar que existe um consenso entre os informantes de que o esporte é o elemento mais atrativo do Programa Escola Aberta nas escolas estudadas. Outro consenso, está na significação deste esporte como algo positivo, tanto para os participantes enquanto indivíduos como para a comunidade escolar como um todo.

4 REPERCUSSÕES DO ESPORTE PARA OS PRATICANTES

É possível apontar que o esporte seja representado como espaço de lazer. Mas independente da consolidação deste espaço como de lazer³. Outro elemento relevante é a dimensão educativa e formativa que os agentes voluntários creditam à prática esportiva:

então o esporte ele com disciplina e tudo mais, com certeza ele vai ajudar na formação do caráter, a questão de direitos e deveres que sabe que o ser humano por natureza ele é egoísta né então isso tem ajudado muito nesta questão (Carolina).

Olha, o esporte tem uma...de acordo com o contexto que a história chegou o esporte tem importância fundamental porque se tu vê as crianças dentro da escola, elas se espelham muito em atletas, em atletas profissionais e tal. (Juliano).

Ah eu acho muito importante assim, porque é pra tua vida mesmo é um esporte saudável, futebol, vôlei.(...), mas olha eu acho que esporte é a melhor coisa na vida das pessoas, dos jovens assim (Jacinta).

Eu adoro esporte, eu acredito realmente que através do esporte o ser humano se torna bem mais sociável, disciplinado, ele ali aprende, é uma área assim pra lá de educativa ele ajuda né, (Simone).

Na minha percepção, a função do esporte é ele ser fundamental na constituição do ser humano pro aumento de sua auto estima, e no seu resgate como pessoa, (Marcelo).

Eu acho que o esporte é fundamental para a disciplina, o esporte em regras e ele ajuda para min em todos os sentidos (Cezar).

As dimensões educativas que apontam um certo diálogo com as teorizações hegemônicas de

3 Ver Forell e Myskiw (2009).

uso educativo do esporte. A pretensão de afastar as pessoas da drogadição ou então de que o esporte, por si só, aponta para a autodisciplina são claras nos depoimentos. Em função de ser um jogo onde as regras são claras existiria uma relação com a formação de cidadãos cumpridores de regras. Acredito que seja imperioso fazer duas leituras destes posicionamentos: a primeira a respeito dos discursos e a segunda a respeito das práticas.

Com relação aos discursos, embora a lógica competitiva do esporte aponte para uma dimensão cada vez mais seletiva - onde a performance pauta a exclusão das pessoas das práticas⁴-, as pessoas depositam nesta prática uma crença de que o esporte é capaz de resgatar uma série de construtos como a cidadania a inclusão social e de mudanças estruturais como a ascensão social através do esporte.

Com relação às práticas, podemos partir de alguns estudos como o de Stigger (2002) que apontam para o esporte institucionalizado⁵ como instrumento que tende a homogeneização das práticas, em função da unificação de regras, do processo de globalização e da estruturação hierarquizada. Porém, a prática esportiva das pessoas, no seu cotidiano, se dá de forma heterogênea, dentro de em contexto dos hábitos locais e as convenções particulares que se constroem no dia a dia (FORELL; MYSKIW, 2009). No Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, pode-se observar que, embora a maioria das oficinas se chame esporte, em muito pouco lembra o esporte presente em grandes praças esportivas e com a atenção de milhares de espectadores.

Para Gramsci (2000), existe uma associação entre ação hegemônica e o princípio educativo, ou

seja, não é possível desvencilhar dimensões educativas de práticas hegemônicas de nossa sociedade como o esporte. Por outro lado, o referido autor afirma que "Um erro bastante comum é o de crer que toda camada social elabora sua própria consciência, sua própria cultura da mesma maneira, com os mesmos métodos" (p. 128). Desta forma, ao mesmo tempo que não podemos deixar de pensar na dimensão educativa do esporte, enquanto elemento de introjeção ideológica estrutural, não podemos pensar que esta dimensão educacional se consolida dentro da complexidade que são as relações dentro do bloco histórico (PORTELLI, 1993).

A crítica com relação às análises da pedagogia do esporte, é de que, ao mesmo tempo em que é condenável uma análise que transforme o esporte em um mocinho, capaz de resgatar das pessoas somente elementos positivos, o que facilmente relativizado pela prática⁶. Assim como pensá-lo em um elemento cultural que imprime às pessoas verdades, com as quais são incapazes desprender nem que parcialmente. Pautadas pelo pensamento de que as pessoas não falam, mas sim são faladas (ELIAS, 1994).

Outro tema recorrente é a pretensão de relacionar a prática esportiva com a diminuição dos níveis de criminalidade e de violência, pretensão que consta nos objetivos do programa. Esta idéia está fundada na lógica derivativa da pedagogia do esporte, ou seja, o que o esporte ensina aos seus praticantes. É interessante refletir que quando se faz esta pergunta se parte do princípio de que existe somente um tipo de esporte e ao mesmo tempo, se imprime sentidos a uma prática desprezando a cultura e os tempos locais.

⁴ Este tema é debatido por uma série de autores de renome da produção acadêmica brasileira, sendo o livro organizado por Stigger e Lovisolo (2009) uma referência para debater o assunto.

⁵ Falo deste esporte sob a lógica das federações e confederações e toda a estrutura verticalizada destas instituições.

⁶ Esta relativização pode ser observada em pessoas que vivenciam de forma intensa o esporte e que mesmo assim não absorvem estes conhecimentos pretendidos.

Esta visão com relação à diminuição da violência é controversa com relação aos agentes entrevistados do Programa Escola Aberta. Porém, ao contrário de outros objetos de análise, é possível traçar uma certa relação na tipologia dos grupos. Em um primeiro, estão a diretora da escola e os coordenadores municipais que defendem de forma veemente a diminuição da violência com o esporte:

das parcerias que nós firmamos, a principal foi com a guarda municipal, que tem bons relatos. Aonde algum representante da guarda municipal vai fazer palestras, eles estão citando o escola aberta como um avanço, porque aonde tem escola aberta caíram significativamente as ocorrências policiais, inclusive outro dia atendi um telefone por acaso e era um conselheiro tutelar, e falando com ele, eu me identifiquei, e ele disse que nas escolas onde tem escola aberta diminuíram de maneira muito significativas as ocorrências, nas casas das pessoas que tem alunos que participam do escola aberta, problemas familiares (Marcelo).

no momento que tu tá fazendo com que as pessoas saiam da rua ou saiam de algum outro lugar e vão pra dentro de uma escola em pleno fim de semana pra jogar, pra brincar, pra aprender, pra se divertir, automaticamente tu já tá fazendo a cultura da paz. Tu tá dando pra elas a oportunidade de fazerem alguma coisa produtiva e boa sendo que muitas delas não teriam essa oportunidade. (Eduarda).

Os adolescentes principalmente, são ex-alunos, são oriundos de outras escola. As vezes eles brigam né, tão numa Escola Aberta daí eles brigam, daí tá e agora o que fazer..vamo lá pra tal escola...daí eles vem pra cá por exemplo, ou vão daqui pra outra né. (Ana).

Por outro, lado alguns depoimentos proporcionam a reflexão se esta lógica realmente se dá de forma tão mecânica:

Eu acho que só acontece briga no local que é deixado brigar, no local que se deixa, deixa o aluno toma conta e que o aluno em vez de se vim pro uma atividade de lazer e vim sentir prazer em fazer a atividade, vim pra tumultuar, vim pra brigar. Então esse aluno, ele não é um aluno que o Escola Aberta tá querendo atender.(...) Já aconteceu casos aqui que eu fui mediar com o aluno e não consegui e a única maneira de eu mediar com esse aluno foi chamando a polícia, foi chamando a polícia e como é periferia e eu conheço já os alunos eu sei que eu não posso virar a costa pro aluno, eu posso ser atacado de uma certa forma pelas costas, então eu tive que registrar ocorrência contra esse aluno, mas também foi um aluno que nunca mais me incomodou (Juliano).

Como a diminuição da violência se torna um argumento que vem justificando investimentos públicos por parte do poder público no Programa Escola Aberta, ele vem sendo muito propagandeado por seus gestores⁷. O que estes gestores não levam em conta é que Novo Hamburgo é a cidade com o maior número de roubos de carros percapta do Rio Grande do Sul e ao mesmo tempo, é a segunda cidade em número de escolas funcionado com o Programa Escola Aberta.

Porém, fazer esta relação de causa-efeito entre violência e esporte no Programa Escola Aberta pode ser temerária. Alguns relatos de coordenadores escolares demonstram que usuários de esporte que se comportam dentro das normas de convivência estabelecida pela dinâmica local, muitas vezes, estão envolvidos com o tráfico de drogas e com atos violentos, ou seja, a prática esportiva retira da criminalidade apenas durante o período da atividade.

Embora a inclusão social seja um conceito que se transformou em um discurso cada vez presente nas bocas de vários agentes da sociais

⁷ Um dado significativo é a criação do Programa PELC/PRONASCI, pelo Ministério do Espore em ação intersetorial com o Ministério da Justiça (BONALUME, 2009), que objetiva a diminuição da violência com o atendimento esportivo a jovens em áreas de risco social.

como pesquisadores, políticos, professores, militantes entre outros, dada a controvérsia de seus entendimentos (THOMASSIN, 2007), optei por utilizar-me deste conceito partindo dos entendimentos que os atores do Programa Escola Aberta possuem dele. Não estou querendo discutir se a inclusão social ocorre ou não, ou ainda qual o melhor conceito de inclusão social, procuro operar com este conceito como uma categoria de campo que é significada de forma heterogênea no decorrer das entrevistas:

Pois eh, o que eu acho desse tema... eu ainda acho bem polêmico, estou ainda mesmo nós já tendo crianças na escola, ainda estou bem como observadora, em parte porque estou aprendendo a conviver também e a enxergar também diferente as pessoas que são mais diferentes do que eu né, e eu que passei na minha vida que eu tive inclusão, e eu passei por essa transição porque lembro que dentro da minha família existia uma pessoa com dificuldades e que era diferente, então eu tenho em mim bem em mente o que era exclusão e que na verdade inclusão...vendo assim, generalizando assim, tu tá sempre incluindo alguém, a gente tá querendo incluir alguém toda a pessoa que se sobressai em alguma coisa ela acaba também enfrentando dificuldades para estar ali dentro daquele grupo que se diz normal né (Simone).

Ao questionar a referida professora comunitária sobre a inclusão social, ela me respondeu sobre a inclusão de portadores de deficiência, este entendimento foi observado por Thomassin (2007), ao fazer uma revisão sobre os sentidos de exclusão na literatura da educação física.

O uso do binômio inclusão/exclusão é largamente utilizado pela formulação do Programa Escola Aberta e apreendida de várias formas pelos agentes que concederam entrevistas:

Ela precisa, pra ser por exemplo assim, pra ser inclusão social mesmo forte né, é como eu falei

antes, a comunidade geral tem que participar mais. Não o filho vim, a filha vim joga aqui por exemplo e derrepente sai e não retornar pra casa e o pai pensando que ele tá no colégio, na oficina e já tá derrepente fazendo artes fora dali né. Então eu acho que, temos que ter maiores divulgação pra comunidade participar mais (Vinicius).

Essa é uma coisa que pode ser considerada como positiva né, já como, dentro do sistema educacional não tem essa... a educação é um direito comum a todos né. Então o esporte ele dependendo do profissional que tá trabalhando ele vai ser um canal pra ti incluir ou excluir também. As vezes quando tu tenta incluir algum excluído, tu acaba excluindo alguém que tava incluído, então mas é porque esse alguém excluído não se sentiu bem nessa nova forma, esse novo sistema de incluir os excluídos, então mas aí é um problema que foge aí já (Juliano).

Porém elas operam sob a ótica liberal de pensar na resolução dos problemas da sociedade, tendo como ponto de partida o indivíduo, esta visão é questionada por Castel que afirma que "para compreender que aquilo a que chamamos de exclusão remete para dinâmicas de dominação e para conflitos sociais que atravessam toda a sociedade" (CASTEL, 2006, p. 64).

Outra teorização de inclusão seria a de Giddens que afirma que existem dois tipos de inclusão onde existe um duplo sentido de exclusão na atual configuração da sociedade. Uma delas seria a exclusão das pessoas do fluxo social prevaemente pelas incapacidades econômicas e conseqüentemente da incapacidade das mesmas de poder se colocar dentro do mecanismo competitivo. A segunda é o que denomina de exclusão voluntária, este conceito contempla as pessoas que acumularam uma grande quantidade de bens e que por opção própria se retiram da participação social criando guetos de riqueza.

Sob esta ótica, as duas exclusões seriam um fenômeno que se relacionam, ou seja, quanto

maior fosse a exclusão voluntária, maior seria a exclusão de pobreza. O que o autor propõe é que em se fazendo um movimento político de inclusão dos ricos, se estaria resolvendo dois problemas ao mesmo tempo: a inclusão dos pobres no mundo competitivo do mercado e a desoneração do estado em ter que manter estas iniciativas.

5 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Após feita a apresentação dos dados, é possível afirmar que operando em todas as dimensões analisadas o esporte se constitui como um dos elementos protagonistas das práticas dentro do programa. Com ele se relacionam elementos culturais locais e globais, relações político-econômicas diversas, o mesmo se constitui como elemento fundante das relações dentro deste espaço.

Apontado em alguns depoimentos como *chamariz* de pessoas para dentro do programa o esporte se apresenta, em Nova Hamburgo, como motivo para pessoas se relacionarem. Porém, os depoimentos produzidos no processo de pesquisa apontam para uma discrepância entre a formatação do programa e a realidade. Este descolamento se constitui cotidianamente e está em constante transformação.

Nos elementos debatidos neste artigo, o caráter educacional, a redução da violência e a inclusão social, são objeto de diferentes representações por parte dos agentes. Esta diversidade de representações proporcionam uma complexidade que me faz afirmar que não existe um esporte no Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo, mas sim múltiplos esportes. Porém esta multiplicidade não é algo desarticulado, como apontam os depoimentos.

6 REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BONALUME, C. R. Esporte e Lazer na Intersetorialidade das Políticas Públicas. 16. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - 3. Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009. **Anais...** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Escola Aberta**. Brasília: MEC, 2007.

CASTEL, R. Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social. In: Balsa, C. et al. (orgs.). **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social**: uma abordagem transnacional. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FORELL, L.. Neoliberalismo e Políticas Públicas Esportivas. In: 4. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2008, **Anais...** Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Região Sul, Faxinal do Céu, 2008.

FORELL, L. **Trabalho voluntário em projetos sociais esportivos**: uma análise a partir do Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo/RS. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FORELL, L.; MYSKIW, M. Programa Escola Aberta de Novo Hamburgo: Refletindo Sobre o Lazer Dentro Deste Espaço. 16. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - 3. Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009. **Anais...** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

GIDDENS, A. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HÚNGARO, E. M.; DAMASCENO, L. G. Excurso acerca da construção dos direitos no Brasil: pressupostos para a questão do direito ao lazer. 15. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - 2. Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007. **Anais...** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife: EDUPE, 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica Universitária, 1986.

MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer. Tese (doutoramento). Programa de Pós-

Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MELO, V. A. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 9-19, 2001.

PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

THOMASSIM, L. E. C. Os sentidos da exclusão social na bibliografia da Educação Física brasileira. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 151-177, jan./abr., 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências**

sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERONEZ, L. F. C. O planejamento governamental e o orçamento do setor esportivo. 15. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e 2. Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007. **Anais...** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife: EDUPE, 2007.

Correspondência:

Autor: Leandro Forell

Endereço: Rua São José do Norte, 236. Jardim Mauá. Novo Hamburgo, RS.

CEP: 93548-110

E-mail: lforellpos@hotmail.com

Recebido em 14 de abril de 2010.

Aceito em 12 de junho de 2010.